

As Territorialidades da Metrópole no Século XXI:

Tensões entre o Tradicional e o Moderno na Cidade de Cabo Frio-RJ

Guilherme Ribeiro ¹

Leandro Dias de Oliveira ²

Resumo: o objetivo deste artigo   apresentar algumas das contradi es resultantes do processo de urbaniza o em Cabo Frio durante o governo de Alair Corrêa (1997-2004). Além de mostrarmos que a estética da paisagem   incapaz de esconder os dilemas da urbaniza o capitalista, cremos que a moderniza o das metrópoles brasileiras não corresponde a certas práticas e representa es tradicionais presentes em várias cidades do interior do país. Cabo Frio   um exemplo. Palavras-Chave: urbaniza o; paisagem; metrópole; Cabo Frio; territorialidade

Résumé: Cet article veut présenter quelques contradictions du processus urbain   Cabo Frio pendant le gouvernement Alair Corr a (1997-2004). Au-delà de montrer que l'esthétique du paysage n'est pas capable de cacher les problèmes de l'urbanisation capitaliste, on croie que la modernisation des m tropolles brésiliennes ne correspond pas   certains pratiques et représentations d'ordre traditionnel qui se trouvent dans plusieurs villes   l'intérieur du pays. Cabo Frio c'est un exemple.

Mots Cl s: urbanisation ; paysage ; m tropole ; Cabo Frio ; territorialit 

As recentes transforma es ocorridas por conta do aprofundamento da globaliza o afetaram visivelmente todos os cantos do território brasileiro. Contudo, se tais transforma es apontam no sentido do espraiamento de elementos modernos – redes técnicas, amplia o do Ensino Superior e investimentos estrangeiros –, elas também acabam por acentuar

¹ Doutor em Geografia pela UFF, com doutorado-*sandwich* pela Universidade de Paris IV – Sorbonne. Prof. Adjunto de Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF-Campos dos Goytacazes. Email: geofilos@ig.com.br.

² Doutorando em Geografia pela Unicamp e Prof. do Instituto Federal de Educa o, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ. Email: leandrodias@ige.unicamp.br.

características históricas específicas das sociedades tradicionais – clientelismo, indistinção entre o público e privado e o *status* social hereditário, p. ex. Se parece correto afirmar que a oposição acima pertence ao passado, é bem verdade que tal conclusão apóia-se na atração exercida pelas grandes metrópoles e seu modo de vida. Entretanto, ao atentar para a penetração da modernidade ao redor das metrópoles – exercendo assim um olhar multi-escalar tão caro aos geógrafos –, evidencia-se um conjunto de mediações sociais própria da escala do lugar, mediações essas que tornam a relação entre o moderno e o tradicional um processo tenso de longa duração.

É exatamente este processo que vem acontecendo na cidade de Cabo Frio, situada na chamada Região dos Lagos, litoral do estado do Rio de Janeiro, na região conhecida como Costa do Sol. Fundada no Século XVI, viveu durante séculos do pescado e da produção de sal, fisicamente distante da capital e geograficamente isolada da penetração capitalista, que sempre avançou pelo país de forma desigual.

Todavia, a partir da segunda metade do séc. XX, com o declínio da indústria salineira, incremento da atividade turística e a valorização da natureza como uma nova raridade, Cabo Frio assumiu uma posição central na escala regional e passou a integrar o circuito nacional de lazer e entretenimento. Sua população aumentou progressivamente, seja em função da migração intra-estadual (originária tanto da decadência da cana-de-açúcar em Campos quanto da violência da metrópole fluminense), seja pela descoberta de petróleo na Bacia de Campos, que beneficiou a cidade com *royalties* e alterou profundamente seu cenário imobiliário. Em conjunto, estes elementos

conduzem à urbanização da sociedade, provocando um choque frente ao cotidiano da cidade.

Focalizando as mudanças nas percepções de espaço e de tempo, as alterações na paisagem e o conflito de territorialidades, este trabalho tomou como objeto explorar as tensões entre o tradicional e o moderno em Cabo Frio. Utilizando este referencial empírico, nossa reflexão está pautada na possibilidade de pensar o quanto a metrópole fluminense impõe uma nova estética de modernidade nem sempre acompanhada pelas mutações culturais na escala local.

Cabo Frio: da “Pesca” ao “Lazer”

A cidade de Cabo Frio está inserida na Região Fluminense das Baixadas Litorâneas (especificamente na sub-região denominada, mercadologicamente, de “Costa do Sol”), e durante grande parte de sua história apresentou economia baseada na atividade pesqueira e na extração do sal (que vem, atualmente, recebendo novo impulso). Contudo, atualmente, Cabo Frio tornou-se uma cidade média³ dinâmica, com grande expansão imobiliária.

³ Entendemos, neste artigo, uma *cidade média* como aquela que mantém uma região de abrangência em uma espécie de polarização, social e econômica sobre as áreas vizinhas. Assim, “a existência de redes de hipermercados, de lojas, hotéis, plantas industriais de grandes empresas que descentralizam a produção, shoppings centers, centros de pesquisa, entre outras, tem suas decisões e ações muitas vezes distantes da escala local”, pois “os seus espaços internos ganham uma forma que quase sempre extrapola os limites municipais, cooptando centros de cidades menores, onde quase sempre tais cidades incorporam funções de centros regionais” (ANJOS, 2006). É importante ressaltarmos este componente teórico pois alertamos a centralidade regional de Cabo Frio, na articulação econômica das cidades próximas, como Araruama, Saquarema, São Pedro d’Aldeia, Iguaba Grande, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios.

Até o início do século XX, Cabo Frio concentrava sua economia na extração de sal, atividade pioneira no Brasil e outrora monopolizada pela Coroa Portuguesa (MARAFON, 2005, p. 56). Mas foi somente após a construção da Ponte Presidente Costa e Silva (Rio-Niterói), concluída em 1974, que a cidade recebeu um grande impulso (GONÇALVES, 2003, p. 190): se antes se tratava de uma pequena aglomeração baseada na pesca e na extração do sal, hoje Cabo Frio é um centro dinâmico em plena expansão imobiliária, marcado por uma profunda reestruturação urbana em prol do turismo.

A construção da Ponte Rio-Niterói, associada à difusão do automóvel e ao Sistema Financeiro de Habitação podem ser considerados determinantes para o rápido crescimento da cidade, onde mesmo as antigas salineiras se tornaram empresas loteadoras e estimularam o desenvolvimento de empreendimentos locais (COSTA, 1993). Posteriormente, o aumento das aposentadorias no serviço público no decorrer da década de 90, a imagem da violência crescente na cidade do Rio de Janeiro e na área metropolitana, a melhoria do acesso à região devido à implementação de novas estradas que a ligam ao núcleo metropolitano e, subsequente a tudo isso, a migração de trabalhadores desempregados de outras regiões em busca de trabalho são outros fatores que contribuiriam para que Cabo Frio tivesse os maiores índices de crescimento populacional do estado do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2003, p. 117)

Graças aos *royalties*⁴ da exploração de petróleo na plataforma continental, mas sobretudo por sua vocação para o turismo, explorando a beleza de sua orla marítima, que influenciou toda sua infra-estrutura urbana, Cabo Frio vem apresentando nas últimas quatro décadas um ritmo de crescimento bem acima da média estadual e mesmo nacional.

O desenvolvimento do turismo compreende um investimento maciço na forma urbana. O simbolismo está presente nos detalhes, e a linguagem dos símbolos contida na paisagem fica patente na difusão das formas marinhas, fluidas e voláteis existentes nas paisagens urbanas. Assim, para estimular o turismo, o poder público vem realizando nas últimas administrações obras de revitalização da cidade, como o calçamento e sinalização de ruas, obras de saneamento e escoamento de águas, recriações paisagísticas e estruturais. Particularmente, a partir da administração municipal de Alair Corrêa (1997-2004), mas também na atual administração (Marcos Mendes, eleito com o apoio do antigo prefeito), novas paisagens simbólicas foram criadas, com destaque para a transformação estética do antigo “Canal do Itajuru” (agora intitulado “Boulevard Canal”)⁵, e a remodelação da Praia do Forte, com a

⁴ “*Royalty* é um tipo de imposto cobrado em produções relativas a *recursos finitos* e tem um sentido *compensatório*, que visa cobrir não apenas os impactos negativos da atividade no presente, mas também preparar novas alternativas para o futuro, de modo a promover justiça intergeracional”. (GIVISIEZ, 2006). Cabo Frio não é uma cidade produtora de petróleo, mas apenas *petro-rentista*, e assim os altos valores recebidos por esta “política compensatória” acabam sendo geralmente direcionados na sua reestruturação urbana, de acordo com as prioridades da Administração Municipal. Praticamente toda a região Norte Fluminense e grande parte da Região das Baixadas Litorâneas têm nos valores dos *royalties* recebidos parte significativa de sua arrecadação.

⁵ O antigo “Canal do Itajuru” se transformou em um charmoso “Boulevard Canal”, cheio de formas, cores, luzes. Juntamente com o novo calçamento, aumentando o espaço de passeio dos pedestres, ocorreu a revitalização dos estabelecimentos comerciais, como os sofisticados restaurantes e bares, além da Boate *Eleven*.

construção de um “calçadão” colorido complementado por um “deck”, bancos e luminárias, acrescidos da edificação das praças das Águas e do Artesão⁶. Além disso, dentro dessa vigorosa reestruturação urbana cujo objetivo é recriar a imagem da cidade e adequá-la aos pressupostos da “qualidade de vida”, a prefeitura investiu profundamente na limpeza urbana (instalando a “setorização cromática”, que divide a cidade em conjuntos de bairros limítrofes demarcados por uma só cor – laranja, amarelo, verde, azul etc. – que ilustram fachadas, meios-fios, lixeiras etc.) e na criação de slogans como “Cabo Frio: A cidade mais limpa do Brasil”, “Cabo Frio: Cidade abençoada por Deus”, ou ainda, “Cabo Frio: A cidade para o cidadão”⁷.

Esta “cidade do prazer” é fruto dos maciços investimentos na forma urbana⁸, compreendidos em um gigantesco amálgama de novos objetos no

⁶ Segundo a própria arquiteta Rosane Vargas, responsável pelas mudanças na Praia do Forte, a reformulação objetivava projetar na Praia do Forte algo que unisse beleza e tranquilidade, e facilitasse a contemplação. Ou seja, que provocasse no turista a sensação de paz, onde o êxtase fosse somente pela beleza da estética. (Revista *Minha Cabo Frio* – Edição Especial Reveillon 2003/2004)

⁷ Já atentamos em ocasião anterior (MASCARENHAS & OLIVEIRA, 2006) para a dimensão que o esporte possui nesta reestruturação em curso. O investimento em *esportes* – que pode ser inserido neste amálgama da “cidade do prazer / lazer” – também ocorre através da construção de suntuosos monumentos e objetos geográficos, em geral excludentes e segregadores. Destarte, a construção mais impactante foi a do Ginásio Poliesportivo de Cabo Frio, que passou a sediar eventos de importância nacional, como amistosos da Seleção Feminina de Vôlei e da Seleção Masculina de Futebol de Salão, além dos jogos do time de futsal local (que eventualmente são transmitidos por uma rede de televisão aberta). Este ginásio, de estrutura extremamente moderna que inclui piso com amortecimento e painéis digitais de última geração, foi erguido de frente para uma comunidade bastante pobre, a “Favela do Itajuru”, contrastando sua face moderna com a exclusão daqueles que não participam das melhorias urbanas. Além deste suntuoso ginásio poliesportivo, ocorreram outros investimentos em objetos geográficos que envolvam o *esporte*, como a construção do Museu do Surf, localizado inicialmente no Perú (atualmente em processo de transferência, ainda em estudo, para outro local), e a edificação de duas estátuas, na Praia do Forte, do famoso lateral da seleção brasileira Leandro e do vitorioso surfista Vitor Ribas, ambos nascidos em Cabo Frio.

⁸ A realização de grandes eventos acaba por ser a coroação deste processo de construção simbólica do lazer no “*city marketing*”. A cidade de Cabo Frio possui um

território. Mas, como veremos, se um grande conjunto de investimentos na paisagem representam o corolário deste processo de inserção de Cabo Frio na modernidade, esta *modernidade*, promovida por mudanças epidérmicas na paisagem e o aumento progressivo da urbanização da sociedade, externou conflitos entre o “novo” e o “tradicional”, em práticas que facilmente demarcam as dificuldades da população local em apreender as graves mudanças ocorridas na cidade.

As Mutações na Paisagem de Cabo Frio

As profundas modificações na paisagem têm origem no governo de Alair Corrêa, entre 1997 e 2004, quando este empreendeu um vasto processo de intervenções na paisagem urbana, inserindo novos objetos geográficos e promovendo uma série de ornamentações com o objetivo de embelezamento estético da cidade.

O governo de Alair Corrêa consolidou algumas paisagens-símbolo da cidade de Cabo Frio, como por exemplo, transformando o antigo “Canal do Itajuru” no charmoso “Boulevard Canal”, cheio de formas, cores, luzes. Juntamente com o novo calçamento, aumentando o espaço de passeio dos pedestres, promoveu a revitalização dos estabelecimentos comerciais, como os sofisticados restaurantes e bares, além da Boate Eleven.

vasto calendário de festas e atividades diversas, que inclui torneios de modalidades esportivas náuticas, desfiles de moda, festas de dança ou temáticas (como a anual Festa Portuguesa), além dos tradicionais shows musicais durante o Carnaval, Semana Santa e Reveillon. Além destes eventos, o Cabofolia – espécie de pré-carnaval com grandes shows de importantes nomes da música nordestina, no estilo “micareta” – tornou-se tradicional na agenda de espetáculos da cidade.

Este ordenamento para o turismo investe, logicamente, no maior conforto, na aspecto limpo e alegre sempre presente na paisagem. A prefeitura tem investido constantemente na limpeza urbana, onde instalou a “setorização cromática”, que divide a cidade em conjuntos de bairros limítrofes demarcados por uma só cor – laranja, amarelo, verde, azul etc. – que ilustram fachadas, meios-fios, lixeiras. O objetivo deste expediente é criar micro-regiões organizadas para a limpeza, deixando isto evidente para a população residente e visitante através da profusão e cores.

Como atentamos aqui para a paisagens simbólicas, podemos destacar o embelezamento da mais famosa paisagem da cidade: A Praia do Forte, que foi substancialmente modificada, ganhando um “calçadão” colorido, um *deck*, quiosques uniformemente estilizados, bancos e luminárias com motivos que lembrar o mar, além na construção das Praças das Águas e do Artesão. A arquiteta Rosane Vargas, responsável pelas mudanças, projetava na Praia do Forte algo que unisse beleza e tranqüilidade, e facilitasse a contemplação (MINHA CABO FRIO, 2004, p. 5). Ou seja, que provocasse no turista a sensação de paz, onde o êxtase fosse somente pela beleza do da estética⁹.

⁹ Estas modificações foram rápidas: a paisagem fluidificou-se, atendendo os interesses da economia local, e continua num ritmo frenético, seja nas propagandas dos guardasóis ou nas fachadas dos bares. Esta paisagem fluidificada, em velocidade quase virtual, confronta-se com a “paisagem-relíquia” (COSGROVE, 1998) do Forte São Mateus, uma rugosidade no dizer de SANTOS (2002, p.43), onde no século XVII era utilizado para a proteção do pau-brasil dos piratas franceses, holandeses e ingleses e hoje é mais um objeto de visitaçãoturística. Enquanto a paisagem da Praia do Forte transforma-se constantemente de acordo com os interesses da Administração Municipal, o Forte São Mateus permanece austero em sua forma, numa clara rugosidade.

Como sabemos, o turismo compreende um investimento maciço na forma. O simbolismo em Cabo Frio está presente nos detalhes, normalmente vinculado às atividades náuticas. A ornamentação da cidade sempre ocorre através de motivos que lembrem a beleza do mar. A linguagem concreta aparece nas bases materiais da urbanização, e as linguagens dos símbolos contidas na paisagem podem ser observadas nas formas marinhas, fluídas e voláteis até nova necessidade do capital; a inculcação consumista nos detalhes das orlas, shoppings, boulevard, a paisagem se conformando numa verdadeira vitrine virtual, soberba nos detalhes; a paisagem invade o cotidiano, marca/matriz (BERQUE, 1998), fustigando com seu discurso de marketing, semiótico, que perdemos a noção que esta paisagem é dominante, e que sua aparência moderna tem caráter epidérmico e dominante.

A Modernidade na Paisagem de Cabo Frio



Foto 1: Deck da Praia do Forte, fruto do processo de reestilização de um dos símbolos da cidade.

Fonte: www.cabofrio.rj.gov.br



Foto 2: Praça das Águas, na Praia do Forte, em um processo de embelezamento da cidade na perspectiva da “urbanização turística”.

Fonte: www.cabofrio.rj.gov.br



Foto 3: Destacamos as formas marinhas do Shopping Gamboa, reestruturado no governo de Alair Corrêa.

Fonte: www.cabofrio.rj.gov.br



Foto 3: Convento de Nossa Senhora dos Anjos, erguido em 1696, uma paisagem-relíquia na cidade de Cabo Frio. Antes morada dos noviços, é desde 1982 o Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio, com imagens raras do período barroco, em terracota e madeira, em exposição permanente.

Fonte: www.cabofrio.rj.gov.br

Espaço e o Tempo na Cidade e na Metrópole: O Conflito de Territorialidades

Apesar destas profundas intervenções estéticas na cidade de Cabo Frio, são nítidas as diferenças entre as dinâmicas da metrópole e da cidade, seja no tocante à densidade do espaço e seus objetos geográficos (bem como a fluidez dos movimentos e a intensidade dos fluxos), seja na paisagem que ainda guarda resquícios de uma “suposta” natureza intocada (como as dunas, p. ex.). Neste sentido, é possível perceber que o ritmo da modernidade não é homogêneo e uniforme; ao contrário, ele depende do contato, do enfrentamento com a especificidade de cada lugar em que pretende penetrar.

Se estamos familiarizados com as características da vida metropolitana (proliferação de meios de comunicação, engarrafamento, distância entre casa-trabalho-estudo, violência onipresente, impessoalidade das relações cotidianas), a ponto, inclusive, de generalizá-las para todas as situações e espaços da sociedade, nos defrontamos em Cabo Frio com uma realidade que, se não é oposta àquela, apresenta-se, no mínimo, com certas particularidades que questionam a perspectiva hegemônica do homem metropolitano.

Embora admitamos que a grande cidade continua a exercer papel central em diversos aspectos – no tocante à exportação de tendências culturais e artísticas, mas sobretudo no aporte econômico carreado pela modernização – emerge, nos interstícios da vida social e nas entrelinhas do diálogo com a população local, um misto de inquietação e temor. Desconfiados frente ao novo, o processo de recepção da modernidade acaba por gerar atitudes e discursos de cunho reacionário que são incapazes de ocultar a defesa da manutenção dos interesses das elites locais e sua reprodução junto aqueles que se beneficiam da distribuição de parcelas do poder.

Entre as vicissitudes que poderíamos destacar entre o “tempo” da metrópole e o “tempo” da cidade de Cabo Frio, apontamos:

- O bom tráfego de veículos no centro da cidade e nas principais vias, bem como a possibilidade de estacionar veículos em pontos diversos da cidade;

- Este trânsito livre e rápido, se imaginarmos os comuns congestionamentos dos grandes centros urbanos, permite ao cabofriense facilidades de acesso da moradia – trabalho; moradia – escola / faculdade e trabalho – escola / faculdade. Esta comodidade, tão rara nas metrópoles e adjacências, permite perfazer curtos e rápidos trajetos em seu cotidiano, que não infere na aceleração do tempo e no “stress da modernidade”, asseverado por Jean Chesneaux (1996);
- As relações cotidianas têm como particularidade a proximidade e o contato entre as pessoas. É comum, em uma típica característica de uma cidade interiorana, o fato das pessoas “se conhecerem”, e mesmo nas praças e avenidas centrais são facilmente observados prosaicos diálogos em pleno horário de almoço e na saída do trabalho.

Enfim, a cidade de Cabo Frio passa por vigoroso processo de modernização, seja nas profundas mudanças na paisagem (que incorporam a estética da modernidade, no processo que Mullins, 1991, denominou “urbanização turística”), seja no crescimento da cidade, incorporando novas funções e praticamente duplicando sua população, em um processo (lento) de adequação e aproximação da metrópole (a importação de mão-de-obra especializada em várias esferas econômicas associadas aos diferentes profissionais que chegam à cidade traz consigo uma nova realidade, advinda das lógicas metropolitanas). Mas esta modernização confronta-se diretamente com os ritmos locais, ainda arraigados em um estilo cotidiano prosaico, onde as mudanças são lentas e factuais e não incorporam o “moderno” com tanto

entusiasmo e primazia. Estes fatores geram, por si só, um conflito de territorialidades, uma tensão entre duas ordens que se pretendem dominantes.

Entre os pontos de tensão entre o “tradicional” e o “moderno”, podemos destacar:

- A relação entre a Administração Pública Municipal e os moradores da cidade, perceptível na dificuldade imensa de separar a máquina pública dos favores pessoais. Praticamente não existe, aos olhos dos “genuínos cabofrienses”, uma separação clara e precisa entre *público* e *privado*, fazendo da política uma atividade manifesta das relações de proximidade entre os interesses da administração municipal em conjunção com objetivos particulares e específicos;
- O *status* social baseado na hereditariedade, fazendo do *sobrenome* e dos laços familiares um argumento de poder e força;
- A paradoxal resistência aos imigrantes, universalmente acusados pelo crescimento das mazelas sociais, mas frutos da necessidade de importação de mão-de-obra, especializada ou não, oriunda de Campos e da região metropolitana.

Estes, entre outros fatores, mostram o quanto a incorporação da modernidade em Cabo Frio é seletiva, segregada, privilegiando o poder estabelecido e a manutenção de privilégios e interesses específicos. A estética

da modernização se confronta com os vícios de uma sociedade tradicional, de homens lentos, que ainda não promoveu o advento da modernidade em bases culturais, sociais e políticas.

Considerações Finais

Como pudemos observar, verificamos em Cabo Frio um processo comum nas últimas décadas, que envolve desde migração de empresas e população até mesmo o remetimento de recursos em direção às cidades médias brasileiras, configurando um quadro que M. Santos denominou “dissolução da metrópole” (SANTOS, 1993). Na disputa pela captação destes recursos, são produzidas imagens sedutoras, em um agressivo *city marketing*, baseado em uma estética de modernidade.

Em Cabo Frio, a *modernidade* é incorporada na paisagem, em um profundo processo de embelezamento urbano. A paisagem se torna mercadoria, é consumida, gerando riquezas, num ciclo indeterminável. Surge então a Imagem do Sonho – a Ideologia – onde a luta desaparece, onde todos acreditam viver na realidade delineada pela classe dominante.

A *modernidade*, então, torna-se seletiva, sendo aceita incondicionalmente neste processo de investimento na forma que gera um sentimento de bem-estar e adequa à cidade ao novo padrão urbano de “cidade qualidade de vida”, mas sendo renegada pelo interesse de manutenção de privilégios tradicionalmente construídos, que envolvem o poder local e a própria relação incestuosa entre público e privado. Emerge um claro conflito de

territorialidades entre os cabofrienses (nascidos na cidade e detentores de discursos em grande parte tradicionais), que imaginam a perda de privilégios com a chegada de uma nova racionalidade moderna que pode extirpar práticas comuns de clientelismo, e os novos moradores (imigrantes de diversas regiões, mas particularmente de Campos e principalmente da área metropolitana fluminense), que pretendem inserirem-se na sociedade local, mas se sentem acuados com estas tradicionais práticas de segregação.

Podemos concluir este trabalho lembrando apenas as contradições deste processo, pois asseveramos que nos interstícios da riqueza aparente desponta a dura realidade dos excluídos. Por mais que a paisagem tente esconder as contradições, seu caráter ubíquo faz com que elas se revelem em toda sua plenitude e intensidade. Assim, ao lado do Ginásio Poliesportivo do Itajuru há uma favela, que assiste extasiada um equipamento tão moderno e contraditório com sua realidade. Recentemente, após a inauguração do Dormitório das Garças (área de proteção ambiental), em uma área carente bem próxima um menino morria atropelado por um caminhão no lixão local. São estas contradições que permitem ver o avesso da questão: estes confrontos de territorialidades não atingem o cerne do problema, que deveriam envolver um investimento maciço em questões sociais e uma reorientação do poder público para as verdadeiras necessidades cotidianas da cidade de Cabo Frio.

Referências Bibliográficas:

ANJOS, Francisco Antônio dos. As Cidades Médias nas Aglomerações Urbanas Multipolarizadas: A Centralidade a Partir dos Eixos. In: **II Simpósio Internacional Cidades Médias**, 2006, Uberlândia. Anais [do] II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias: Dinâmica Econômica e Produção do Espaço Urbano. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Instituto de Geografia, 2006).

BERQUE, Augustin. “Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural.” In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo: Brave modern world**. Petrópolis / RJ, Vozes, 1996.

COSGROVE, Denis. “A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.” In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA, Cláudio Barbosa da. **O Negócio da Terra: A Expansão Urbana de Araruama 1940 – 1990**, 1993. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; PIQUET, Rosélia. **Educação e Cidades Médias: A Nova Centralidade de Campos dos Goytacazes – RJ**. In: II Simpósio Internacional Cidades Médias, 2006, Uberlândia. Anais [do] II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias:

Dinâmica Econômica e Produção do Espaço Urbano. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Instituto de Geografia, 2006.

GONÇALVES, Leonardo de Freitas. Pesca: o mar como fonte de recursos em Cabo Frio – RJ. In: MARAFON, Glaúcio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo. (orgs.). **Revisitando o Território Fluminense**. Rio de Janeiro: NEGEF, 2003, p. 187-205.

MARAFON, Glaucio. [et al.]. **Regiões de Governo do Estado do Rio de Janeiro: Uma Contribuição Geográfica**. Rio de Janeiro, Gramma, 2005. 139 p.

MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. **Cidades Saudáveis e Competitivas: Políticas Públicas, Esporte e City Marketing**. In: II Simpósio Internacional Cidades Médias, 2006, Uberlândia. Anais [do] II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias: Dinâmica Econômica e Produção do Espaço Urbano. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Instituto de Geografia, 2006.

MULLINS, Patrick. **Tourism urbanization**. International Journal of Urban Regional Research, 15 (3): 326-342, 1991.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. **Reestruturação Produtiva e Regionalização da Economia no Território Fluminense**, 2003. 231 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, HUCITEC, 1993.

_____. “Uma Necessidade Epistemológica: A Distinção entre Paisagem e Espaço.” In: **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Edusp, 2002.

Periódicos:

Revista MAIS + CABO FRIO. Ano 1, N.º 1. Armação de Búzios: Editora Mais Búzios LTDA-ME, Junho de 2003.

Revista MINHA CABO FRIO – “Edição Especial Reveillon 2003/2004”

Endereços Eletrônicos:

Prefeitura Municipal de Cabo Frio , <www.cabofrio.rj.gov.br>.

Artigo encaminhado para publicação em dezembro de 2009.
Artigo aceito para publicação em dezembro de 2009.